

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

UM TIPO MINHOTO POPULAR.

RODRIGUES, Adriano

Ano: 1934 | Número: 44

Como citar este documento:

RODRIGUES, Adriano, Um tipo minhoto popular. *Revista de Guimarães*, 44 (2) Abr.-Jun. 1934, p. 121-131.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Um tipo minhoto popular

I — Em pleno Minho

Acabo de chegar ao Pôrto, de regresso de Caldelas, onde passei oito dias admiráveis, e vivo todo ainda de emoção da paisagem idílica e edénica do Minho, superior a tudo o que a imaginação mais requintadamente estética pudesse visionar!

Paisagem de sonho! Tento reconstituír com a pobre argila do meu verbo impreciso tôda essa maravilha, e sinto a absoluta impossibilidade de fazê-lo! Lembro-me da ascensão ao monte de S. Pedro, a que se encosta a povoação, e fico deslumbrado com a imagem que resta úmida e odorante nas minhas retinas surpresas, como quando se fita o sol durante algum tempo! Levei duas horas a subir o monte, aqui e além parando a sorver gulosamente o horizonte que vai ampliando-se e descobrindo novas extensões daquele imenso jardim, reticulado de arvoredos, ramadas e casas, onde a água brota e corre, hialina e cantante por tôda a parte.

A meio da subida, feita através de arvoredos e mato, depara-se com a povoação de Cernadela — meia dúzia de casas no meio de frondes, terras de lavra e hortejos poligonados por latadas altas — coisa de maravilhar os olhos em seus recantos propícios ao delicioso conversar de namorados. Ouvem-se cantar os pássaros que passam voando, ruflando asas... Mulheres sacham os campos, e a mancha fulva dos bois vê-se perpassar através da folhagem cinzento-prateada das oliveiras altas, puxando o arado enquanto vozes argentinas riscam o ar quieto e perfumado.

Campos de linho de um verde-claro, feito de cápsulas vaporosas como ténue gaze ondeada, em

que a vista repousa da bruta visão do casario do Pôrto, hortas de pernaltas couves galegas — grandes como rapazes, suicadas de papoilas e rosas, constituem engaste de casas modestas de granito e taipa, que para seus alicerces escolheram os maciços redondos da rocha aflorante, sôbre a qual passam também os caminhos e ruelas... para tormento das azêmolas.

Depois, adiante, a capelinha de Santo Ovídio, de 1739, pequena, interessante, puro estilo D. João V, e eis-me na última etapa da ascensão — em plena encosta verde, onde bois pastam mansamente e alguns rebanhos petiscam as ervitas floridas de pétalas mimosas.

A perspectiva continua a desdobrar sua vastidão sob o dossel do céu um pouco enublado agora; a encosta é íngreme, há estevais formidandos onde a raposa fez ninho, inextricáveis labirintos verdes, que são verdadeiros focos de caça, onde o caçador não pode entrar e onde os cães, na perseguição dos bichos, ladram orquestrações infernais.

Começa a ouvir-se o chiar dos grilos, vibrante, enquanto o cântico dos pássaros se torna mais raro; e estou no alto do monte junto da humilde capelita de S. Pedro. Subo a um penedo, donde o arco de visão é de 340° e não sei descrever o espectáculo surpreendente que a névoa começa a esfumar ao longe. Tem-se a sensação de um jardim prodigioso no qual, a um e outro lado do monte, os rios Homem e Cávado, que depois entroncam junto à Ponte do Bico, surgem em estilhaços de prata fôska, sôbre o tapete que as mãos de Deus construíram e as do homem embelezaram para consôlo da vista...

Ah! não admira que Sá de Miranda viesse a estas paragens bater um dia e cerrar seus olhos na visão balsâmica e suave dêstes verdes floridos! Razão tinha um lapuz de Cernadela que, ao passar, disse que me ia «regalar de ver mundo!». Por tôda a redondeza se avistam capelinhas dispersas e brancas a atestar a religiosidade dêste povo bom e trabalhador que emigra em massa para a França!

Pois ¿como não há-de ser votado a Deus todo êste rincão de veludos verdes, arborizado de frutedos

doces, coalhado de terras de milho e centeio, engrinaldado de rosas e cravos, fértil e rico e lindo!?

Divisa-se lá ao longe Braga. Outras povoações surgem delidas da bruma que se adensa infelizmente a cada momento. Uma poeira de chuva começa a cair. No ar misturam-se mil perfumes. Um passarito, por cima da minha cabeça, a 30 metros, começa a rodopiar vertiginosamente, cantando uma cantiga vibrante, chilreada, como batida num instrumento de cristal. E rodopia e canta interminavelmente no ar molhado, como ébrio de volúpia, de altitude e de frescura... Ah! Quem me dera também voar, transpor estes espaços, perpassar como as libélulas por cima de tôda esta paisagem ridente onde Vergílio e Anacreonte pairam em espírito...

E começo a descer, saltando fragas e córregos, através de matagais. Lá está uma passagem da raposa! — diz-me o meu guia. À beira de um muro, junto a um carvalho coberto de musgo espêssô, do qual já rompem fetos (!), os arbustos agressivos estão desviados junto do solo, por forma a deixar passar o corpo de um animal. E, a propósito, conta-me o meu guia os incidentes dramáticos da morte de uma raposa que êle esperou ali, de cima da árvore, durante horas e que, já a noite tombava, quando quis entrar no ninho, e viu o inimigo no carvalho, se pôs a regougar de repente, e por tal forma, que se lhe arrepiaram os cabelos, tão lancinante era o seu uivo, como gemido de criança enxertado no estertor de uma agonia de velha, mixto de tétrico, diabólico e humano...

E continuo a descer. Volto a passar em Cernadela — só para repetir o regalo dos meus olhos já saudosos da povoação. Junto a um linhal vejo uma rapariga de 18 anos — vestida de preto, esbelta, rosto alegre e rosado, fisionomia simpática. E' uma das 33 pessoas que habitam a povoação, onde se morre tarde sob nuvens de prata...

São horas de almoçar... O apetite devora-me o estômago. Sinto os pulmões vitalizados para alguns meses — e a alma em festa. Bendito Minho! Bendita Natureza!

II — Primeiros rumores do «personagem»

Mas eu ainda não entrei no assunto que me trouxe à presença do leitor. Trata-se do «cirurgião» de Sequeiros, que se chamava Joaquim da Silva Araújo, nasceu em 1847 na freguesia de Salvador de Valdeu, concelho de Vila Verde, e morreu, há doze anos, com 71 de idade, no lugar de Pitães, freguesia de S. Paio de Sequeiros — onde viveu largos anos.

Quem primeiro me falou nele foi um habitante de Cãldelas, empregado das Termas, o Sr. Joaquim, velhote que vai na consoada fazer 70 anos. Estava êle em mangas de camisa a arrancar com a enxada uma porção de erva daninha a um recanto do terreiro onde os doentes passeiam as águas medicinais e contam uns aos outros as biografias melancólicas das suas vísceras.

O sr. Joaquim, sêco, terroso, magro, mal encarado, corcunda do pêso dos anos e da enxada, a trabalhar sob um sol então de chumbo, chamou-me a atenção e, deambulando como eu ia, pequeno seixo descendo o monte, parei naturalmente, como quem tropeça, e quedei-me a conversar com o homem.

E, de fala em fala, o sr. Joaquim passou a contar-me (sei lá porquê!) os seus achaques e a intervenção verdadeiramente milagrosa do referido «cirurgião»...

...O Sr. Joaquim esteve então muito mal. O Doutor X ia-o matando! Chegou a estar entre a vida e a morte... Depois, quando lhe pareceu ir melhorando e se lembrou de tomar vinho de carne, mandou à farmácia buscar um frasco, mas, devido à malvada (sic!) influência do médico, que logo havia de estar na farmácia àquela hora, em vez de vinho de carne mandaram-lhe vinho quinado! O maldito amargou-lhe logo. Então é que êle ia passando para o outro mundo! Em vez de um ôvo de galinha que tinha no «baço, no vaso direito», formou-se-lhe logo um «enchume» grande como uma cabeça de criança. As dores tornaram-se medonhas. Só então se lembrou de chamar o «cirurgião» de Sequeiros. A mulher

montou numa burra e — ala para Sequeiros! Chegou lá de manhã cedo. O «cirurgião» estava a aprontar a besta para ir a Carvalheira, a uma chamada. Contou-lhe a mulher a aflição em que estava o Sr. Joaquim e pediu-lhe encarecidamente que o fôsse ver.



O «cirurgião»

O cirurgião recebeu-a com frieza: — *«Vocês preferem os Doutores... arranjem-se como quiserem; tenho de ir para Carvalheira»*. A mulherzinha lançou mão de tôda a sua dialéctica: — *«o seu Joaquim tinha dito que só o queria ver mais uma vez antes de morrer...»*

Isto calou no espírito do cirurgião que logo se decidiu: — *«Vá você andando que eu já lá vou ter...»*

E assim foi: — a mulher a chegar a Caldelas e o cirurgião a aparecer. Tomou-lhe o pulso, apalpou-lhe o ventre, viu-lhe a língua... e logo o sossegou: — *«Não, descanse que desta ainda você não vai...»* Puxou do bôlso umas pastilhas e, voltando-se para êle, disse-lhe: — *«Vais tomar estas pastilhas...»* Mas o Sr. Joaquim repontou — podia lá ser! *«Farto de pastilhas estava êle e o seu mal era cada vez maior!»* *«Mas destas — respondeu o «cirurgião» — nunca tu tomaste...»*

No entanto o doente mandou vir um cálice de aguardente para oferecer ao cirurgião. Estava êle a tomá-lo, quando deu de repente uma dor ao narrador. O «cirurgião», acto contínuo, arremessa com violência o cálice ao chão, agarra na pena, e receita uma beberagem qualquer para mandar aviar na farmácia e ordenou que a tomasse com aguardente, aos cálices, entremeando-a com caldos de galinha, até se acabar a garrafa. A's 3 horas da manhã o tumor havia de desaparecer, sentenciou o «cirurgião». «Pois, dizia agora, ainda espantado, o Sr. Joaquim, de Caldelas, foi remédio santo. O tumor começou a diminuir — de repente parecia já um ôvo de galinha e às 3 horas da manhã tinha desaparecido de todo. E lá foi minha mulher a Sequeiros dar a boa nova ao «cirurgião», como se combinara. Então quem acertou? perguntou-me êle ainda assombrado. E rematou: — *«Quando êle torcia o nariz a um doente, estava perdido — mas quando êle dizia que o curava, e dizia o mal que tinha, acertava sempre. Era santo!»*

Contou-me então que daquele homem tôda a gente se lembrava em Caldelas; que fizera curas milagrosas, chegara a ir ver doentes até perto da Espanha e tinha mais clientes que todos os médicos juntos daquela região.....!

Fui para o hotel a ruminar no estranho personagem. No hotel o criado, o Avelino, também o conhecia. Tratara-o de uma febre gástrica melindrosa e curara-o rapidamente. E, a propósito, vieram vários outros casos — febres complicadas que os médicos não entenderam, doenças de mulheres no seu estado

interessante... E rematou também com a sua voz adocicada: — *«Era fino como um coral! E depois muito em conta... uma pessoa avençava-se por uma rasa de milho por ano... Era mais chamado que os médicos... Era uma beleza! Poupava muito dinheiro e desenganava tôda a gente...*

Mais se me aguçou a curiosidade de saber novas histórias dêste personagem que devia ser bizarro e ter uma crónica pitoresca.

III — Em Sequeiros

Em plena manhã límpida, faúlhante de sol glorioso no azul-cetim do céu, sob uma chuva de cânticos gorgoados por milhares de pássaros, através de um caminho rústico, por pinhais, matas de carvalhos e terras ainda agressivas das hastes mutiladas do cento, cheguei a Sequeiros.

Sequeiros fica perto do Rio Homem, o Rio em cujas margens os rouxinóis entoam divinas canções tecidas com as horas macias, o perfume do mato, a frescura das águas, os contrastes do sol das madrugadas e dos poentes, e o luar com seu veludo transcendente de pérolas.

A povoação assenta no granito de uma lomba — casas pobres, de velha telha de canudo, musgosa e desbotada, de paredes graníticas, mal argamassadas, janelas de madeira esbeçada e empenada, cinzentas da lima das chuvas e dos sóis. Dispersos, os espigueiros ou canastros característicos, longos, assentam em muros ou colunas. Entrelaçam as casas as eternas latadas viridentes, muito alinhadas, que reticulam com o seu retrós vegetal todo o Minho... Eiras naturais, inclinadas, foram abertas a pico na rocha viva.

A capela da terra é simples, com o alpendre à frente, assente em colunas de granito, modestas, tendo ao lado o campanário, só com um sino — como cego de um olho — assente sôbre um muro. Perto o cemitério — pequeno rectângulo murado, onde as ervas crivadas de malmequeres brotam à revelia. Ao portão, um tufo de flores de crista de galo, rubras, emergindo de canas verdes, folhudas como canas

de milho; campas escassas, humílimas, mal se descobrem, como que flutuando no lago florido... Ao meio e ao alto um cruzeiro de pedra e, aos lados, pequenas lápides rudemente lavradas e recortadas, velhas, sêcas, no tópo de duas ou três campas quási rasas...

E' ali que certamente repousa o Sr. Joaquim da Silva Araújo, «cirurgião» que foi, do lugar de Pitães, da freguesia de Sequeiros... E os meus olhos humedecem levemente de emoção...

Logo ao lado o Passal, a habitação, *desabitada*, do sr. padre da freguesia — casa grande, desmantelada, arruinada, madeiras podres, roídas pelos temporais e nunca reparadas, portas e janelas tortas, desunidas, incompletas. Até os próprios degraus de pedra das escadas exteriores estão como que adormentados uns sôbre os outros, em atitudes frouxas de queda, oblíquos, com linhas ventrudas de hidropisia. Faz pêne este prédio abandonado, colado a uma das mais galhardas videiras que jamais vi em minha vida, espécie de gibóia que, emergindo do adro da capela e trepando acima do muro, que dêle a separa, vai contorná-la numa ramada possante, a testemunhar a impetuosidade da Natureza pujante, formidável, em contraste com a inércia, o desmazêlo dos homens.

Bela, caiadinha, pintada de côres, envidraçada, só a taberna, já à beira da estrada. As repartições dessa Instituição Nacional que é a «Embriaguez» merecem mais atenção às populações do que as Escolas, cujo rasto ali não vi sequer.....

Em volta de Sequeiros — arvoredos de fruta, oliveiras, castanheiros (primeiros que vi nesta região), figueiras, laranjeiras e muitas outras espécies, e os campos encantadores, próprios do Minho... Nos campos — mulheres de chapéu de palha sachando, por vezes famílias inteiras — pais e filhos... Um saiote vermelho de lacre, um cachorro preto, miúdo, que vai atrás do dono... cantigas, sussurros de águas transparentes e frescas que se soltam, em jorros de cristal, do granito, borboletas que esvoaçam como trémulas pétalas brancas. Ah! Sequeiros é como as outras terras do Minho, o mesmo desolado documento

de indolência e de falta de gôsto, a pobreza do Homem no meio da Natureza opulenta e encantada...

Logo, alguns metros adiante do casario mais junto, está a casa do «cirurgião», cercada de árvores de fruta e ramadas; tem uma cerejeira enorme que faz sentinela à porta, tôda salpicada de cerejas maduras. Casa pequena, com a frente de taipa, pintada de vermelho, formando varandim coberto para que se sobe por uma escada de pedra tendo por baixo a adega vazia, o chiqueiro dos porcos, as «côrtes» do burro e das touras e por cima os quartos, uma pequena sala e a cozinha... Casa pequena e baixa, cujas janelas são encobertas pelas fôlhas verdes das parreiras. Em socalcos, a caminho do Rio Homem, terrenos lavrados, de milho e cereal, hortejos de couves, cebolinho, abóboras, feijões... «*O cirurgião não vivia mal... tudo aquilo era dêle*» — diz-nos a sobrinha, que nos apareceu na estrada à beira da casa, depois de uma rápida, dissimulada conversa inicial. A sobrinha, a sra. Ana Luísa, de 50 anos (?), miúda, raquítica, morena, é uma mulher, quási anã, sêca como uma estaca de feijoeiro, rosto comprido e ósseo, sulcado de rugas, emoldurado por um lenço amarelo de barra quadriculada de linhas pretas — vestuário sujo — descalça, mãos e pés semelhantes a tubérculos arrancados do solo... mas com grandes arrecadas de ouro nas orelhas e cordão de muitas voltas no pescôço encordado. O marido, o sr. Sebastião, que vai passando, e deve ser da mesma idade, tem o rôsto de má pinta, bigodinho ralo, sobreceño carregado, grenha sôlta, grisalha, camisa de riscado, manchada de vinho tinto, colete azul e calças velhas, de tom indefinido. Casaram há 7 anos. Vivem como dois cães! Não se entendem. A sra. Ana Luísa foi a herdeira do cirurgião e, só por isso, casou com ela o Sebastião — tipo de valdevinos e de mendigo, madraço, sem palmo de terra, bêbado freqüente, de moral duvidosa, que não teve em conta os três filhos que, de pais diferentes já tivera a sra. Ana Luísa... Mas a lua de mel foi efêmera... e, agora, o cão e o gato não se entenderiam pior que os dois elementos dêste casal que se odeiam por vezes de morte...

Mas deixem-me reatar o fio do nosso tema...

o falecido cirurgião... e resumir o que me contou a sobrinha... Sim, o cirurgião existiu, viveu ali largos anos, casado com a sra. Ana Luísa Veloso, madrinha desta sobrinha, também chamada Ana Luísa... Trabalhava muito — era chamado por muito boa gente que o preferia aos doutores. *“Não que êle parece que adivinhava os males — e fazia curas que pareciam milagres... Nunca faltava a quem o chamava. E, como paga, apenas uns tostões, quando não eram avengados, porque êstes apenas davam uma rasa de milho por ano...”*

No fim do ano andavam a sra. Ana e êle com um carro, ou dois, a recolher o grão; enchia-se a casa. E os presentes? De uma vez levaram-lhe ali a Pitães um burro carregado com uma carga de batatas e dois presuntos! Havia pessoas, fidalgos, a quem salvava a vida e que eram capazes de lhe darem tudo o que possuíam.

Tinha sempre uma bêsta para o levar. Dormia no quarto por cima da “Cuca” (nome que dava a uma égua que ficou célebre e figura num dos *croquis* juntos) porque queria estar perto da sua inseparável companheira. Queria só animais muito mansos. Gostava muito da pinguinha e por isso só se entendia com bêstas sossegadas e, apesar disso, quantas vezes, vinha o burro sòzinho para casa!

E a conversa ia alargando os seus braços. Desconfiado, o sr. Sebastião aproximou-se ao ver que a conversa se animava. A distância estava um garoto aleijadinho, filho da Ana Luísa, que ficou com as pernas atrofiadas de uma aragem que lhe deu e nunca mais melhorou...

Passou na estrada o barbeiro da terra, o “Perna fina”, velhote de olhar vesgo, calças um palmo acima dos socos, saqueta com a ferramenta debaixo do braço. Ofereceu os seus serviços que se agradeceram e não aceitaram. O sr. Sebastião, humanizado por uma dádiva minha ao pequenito, deslaçou o “rictus” severo do rosto e entrou risonho na conversa... E surgiram “casos” extraordinários de cura feitos pelo cirurgião. Uma mulher grávida que estava a morrer, que êle sangrou, e logo sarou! Curava tôdas as doenças e arrancava dentes. Tinha uma arca cheia de

ferramenta. Com umas ervinhas do monte, umas violetas, umas fôlhas de laranja... todo o mal desaparecia!

Em Valdreu estava a morrer uma mulher, cercada de doutores, e já desenganada de todos — está morta! está morta! Chama-se o «cirurgiãc». O tio Joaquim aparece. Ei-lo em acção. — *«Há leite de burra em casa?»,* perguntou. *«Pois então, uma mulher que monte a cavalo e que venha comigo a Covas, à botica!»* E lá foram. Feita e aviada a receita, regressaram — *«Duas colheres dêste remédio... é quanto basta! A' segunda ou está boa, ou então preparem-lhe o entêrro».* Mas não foi preciso. A' segunda estava salva!

«Mas sabem? Procuravam-no muitas mulheres que queriam matar os filhos que traziam no ventre», disse a sra. Ana Luísa, *«mas êle enganava-as, dava-lhes remédios ao contrário. Pois então não é uma vergonha arranjá-los, e é uma vergonha criá-los?»* *«Criá-los é uma honra!»*, bradou cheia de orgulho e dignidade a sra. Ana Luísa.

(Continua).

ADRIANO RODRIGUES.